

Ecclesia

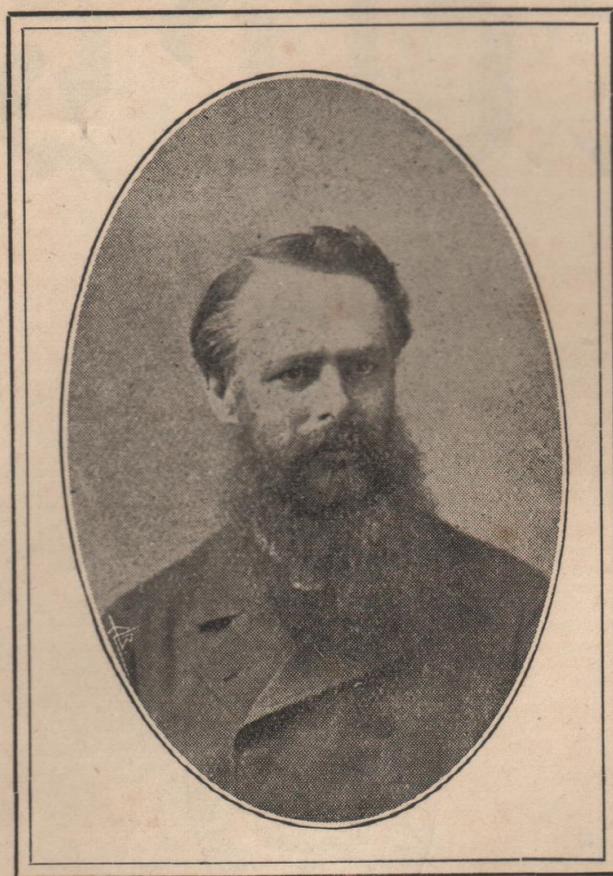


Março de 1952
Ano 4.º

N.º 14

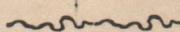
“Ecclesia”

Recorda, no 50.º aniversário da sua morte, o saudoso



Dr. Tomaz Godofredo Pembroke Pope

(22-12-1837 — 20-4-1902)



Cónego irlandês, capelão anglicano em Lisboa, 1.º Presidente do Sínodo da Igreja Lusitana e da Comissão Preparatória do seu “Livro de Oração Comum”, Publicado em 1884.

Ecclesia

ÓRGÃO OFICIAL DA IGREJA LUSITANA CATÓLICA APOSTÓLICA EVANGÉLICA
(Aparece em Janeiro, Março, Maio, Julho, Setembro e Novembro)

DIRECTOR:

EDUARDO H. MOREIRA

Rua das Janelas Verdes, 32 - LISBOA - Telef. 64729

ADMINISTRADOR:

DANIEL DE PINA CABRAL

Rua 14 de Outubro, 388 -- VILA NOVA DE GAIA -- Tel. 710995

REATAMENTO DUMA TRADIÇÃO?

LISBOA, a cidade clara, entreposto mundial nos nossos dias, "princesa do mundo" e "nova Roma" de Camões, urbe de medula histórica e de arrabaldes risonhos, como Paris ou Londres, rival de Istambul pela sua baía, irmã do Rio de Janeiro pelo suave idioma que fala — **lengua de las flores**, no dizer gentil de Cervantes, — cidade de velhos foros e selos municipais, como as terras flamengas e hanseáticas, e de pergaminhos comerciais semelhantes aos de Venesa e Génova; velha, quase como Damasco; nova, quase como Estocolmo; romana, quase como Marselha (com diploma de pedra passado por Julio Cesar); mourisca, quase como Sevilha (mantendo o selo de prova no retábulo de Sintra); rainha medieval, com seu diadema de ameias no castelo de S. Jorge; Lisboa "sobre todas excelente e maior" (disse-o D. João I, regedor do seu povo), está de parabéns nestes dias de Fevereiro e Março.

Terra hospitaleira, de brando inverno ela se tem revelado, como que a servir melhor os seus hóspedes.

Poderá ser que alguma vez te não amassemos, rainha do Tejo e das sete colinas?

Ah! É que tempo houve em que a intolerância dos teus filhos te desfeou; e o nosso amor se encobria, era triste como a noite. Mas hoje, essa felonia cortou as unhas bem rente, e o cão do emblema de S. Domingos já não sustenta o archote aceso nos colmilhos gastos.

Já não há que citar a frase de Fernão Lopes: "terra de muitas e desvairadas gentes", que por aí se repete a miude, mais pela música estranha que pelo sentido, pois as "desvairadas gentes", no

significado coevo do pai da nossa história, há séculos que nos abandonaram, desviadas para outras rotas ou fugidas dos seus amados lares, desde que se armaram, para a classe de prol, estrados e pavilhões no Rossio e no terreiro do Paço, no gozo requintado de sacrifícios humanos, e desde que as multidões ululantes vieram também assistir à procissão tenebrosa. Lá ia o estandarte que a guiava, com seu lema de "Justiça e Misericórdia"... Essa justiça era o confisco

SUMÁRIO DO N.º 14

Reatamento duma Tradição	1
Reminiscências e Perspectivas	2
Prémio Novel de Literatura	4
No Alrio — Na Nave	5
Lusogramas	7
Na Seara	8
Forum	9
Ein Feste Burg, versão de Sidónio Miguel	10
O Livro e os Livros	11

dos bens dos justificados e essa misericórdia era o convite ao "Braço secular" para este usar o garrote e a fogueira.

Para se estudar a psicologia do escol da nação, nesses dias, e em quase três séculos da sua vida, a partir do meado de quinhentos, não há melhor documentário do que os processos da Inquisição; e para conhecer o sentimento que se ia formando no rebanho dos dirigidos, aí temos também o repositório das denúncias ao nefando tribunal da fé.

Hoje Lisboa é cidade pacata e disciplinada, amiga de trocadilhos meio-inocentes e de anedotas meio-intencionais; que não sabe muito rir, mas já vai sorrindo; que não sabe muito crer, mas já vai sentindo; que poucas forças encontra para inventar mas já imita com êxito; que já não fala somente em sorte nem canta somente o fado. Lisboa trabalha. Quem se levanta cedo aqui, como em Berlim ou em Bruxelas ou em Barcelona, verá milhares de homens e de mulheres indo apressuradas para a faina de um novo dia. E se meio milhão de lisboetas e dos quase-lisboetas

dos subúrbios nada têm que ver com a religião expressa, do outro meio milhão que de algum modo sente Deus, alguns por cento ou por mil acorrem à missa matutina dos Domingos. E aos cristãos reformados, fraca proporção, quase ignorada, ninguém incomoda na sua crença e no seu culto, nesta famosa sede da Contra-Reforma de outros tempos.

Temos tido por hóspedes, desde há semanas, os políticos do Ocidente e do Próximo-Oriente, talvez ortodoxos, ou protestantes, ou romanistas islamitas, judeus, ateus, indiferentes, agnósticos. Reviveu, policiado e adaptado a novos conceitos, o espírito dos séculos anteriores ao Grande Século, ao século da embriaguês da glória e do poderio, da epopeia e do fanatismo, do luxo e da tavalagem, dos heroísmos e dos peculatos, do incenso de Roma e dos "fumos da Índia". Regressamos a uma tradição de tolerância verdadeiramente católica, a uma fraternidade de essência apostólica e cristã.

Demos por isso graças a Deus, e concorramos todos para que se firme nas consciências esse princípio da genuína hospitalidade.

///

A notícia, recebida pelos jornais do Brasil, do falecimento, há cinco meses, em Washington, do Dr. William M. Thomas, segundo bispo missionário da Igreja Episcopal Brasileira, encheu-nos o coração de saudade. Quando o director de "Ecclesia" visitou o Brasil pela segunda vez, militando ainda em outra comunidade evangélica, foi todavia convidado para uma reunião de presbíteros daquela Igreja, que o operosíssimo antiste, de passagem no Rio de Janeiro, promovia para tratar de assuntos internos da sua Igreja. Alguns dos actuais colegas brasileiros do presbítero lusitano se lembrarão desse acto de cavalheirismo e de largo evangelismo, que ficou para sempre na memória e no coração do humilde hóspede. Só Deus sabe em quanto esse facto, aparentemente singelo, de quem, com certeza, teria muitos de igual teor, terá influído na decisão tomada quinze anos depois.

REMINISCÊNCIAS E PERSPECTIVAS

///

A memória dos velhos é um cemitério, mas também é um panteão. Recordamos outros ilustres mortos, de querida memória, o professor Edgar Prestage, o artista Leal da Câmara, o Comandante Jaime Athias, o empresário Ricardo Covões, o ex-senador Pereira Vitorino, Maurício Gouveia, filho do velho companheiro, de igual nome, do pioneiro da Igreja Reformada e bispo eleito D. Angel Herreros de Mora... Quantos!

"Rezar por alma"... não é a melhor expressão a usar para explicar o que fazem cristãos reformados, em serviços religiosos comemorativos de quem partiu desta vida. A expressão é pouco clara, simplesmente. Sendo a doutrina do Purgatório "uma invenção fútil e vã, que se não funda em testemunho algum da Escritura,

antes repugna à Palavra de Deus", segundo o nosso artigo de Fé XXII, não há lógica em pedir a Deus que altere o destino que um ser humano preparou para si em "tempo oportuno". Mas sendo Deus o Eterno, que vive fora do tempo, para Quem tudo é presente e nunca futuro ou passado, e peregrinando nós dentro dum lapso precário, em que os "sucessos" se "sucodem", não nos parece que seja vedado ao crente que pela fé "redime o tempo", mas opera e sente e pensa dentro dele, dizer a Deus, Aquele que não **foi** nem **será**, mas sempre **é**, em constante presente, que deseja que o seu irmão trasladado esteja na Sua presença e goze a Sua paz. A propósito do falecimento de Jorge VI insistem os jornais naquela expressão — rezar por alma. Para nós ela se interpreta assim: orar a Deus pensando em alguém que Ele nos dera, alguém que Ele chamou, e que desejamos que goze o Seu bem perpétuo. "A Voz" de 14 de Fevereiro dizia: "que descanse em paz a alma cristã de Jorge VI". Isso nós podemos dizer. Manifestamos um desejo, no tempo, apesar de na mente e na vontade eternas de Deus o estar sempre, digamos assim, realizado.



A obra evangélica, em prol dos leprosos, que, fundada por Joaquim Silvério Vieira, precedeu a grandiosa instituição Rovisco Paes e, ainda depois da perda do seu denodado fundador, tem continuado, com a dedicação do sr. Vivaldo Magno Fernandes, vai em cinco anos, pode apresentar os seguintes e significativos números referentes a este quinquénio incompleto: 1.060 reuniões de culto cristão, com 16.200 presenças; 1.540 consultas, 38.550 injeções e 3.910 pensos; 10.020 visitas domiciliárias e 28.500 quilómetros percorridos em auto, além de 25.000, aproximadamente, percorridos a pé, em bicicleta ou de comboio. Deus abençoe uma tal obra.



Foi reaberta ao culto, em vésperas do último Natal, a Igreja da Memória, em Belém, monumento que avultará para sempre na história do cristianismo reformado em Portugal, por nele se ter celebrado, no alvorecer do século XIX, um culto para os oficiais suíços instrutores do exército português, com a Sagrada Comunhão em que oficiou um ministro luterano dinamarquês, na ocasião

residindo em Lisboa. Um facto comum nas aldeias da Holanda e da Suíça, era positivamente escandaloso entre nós, ainda que permitido pelo príncipe regente D. João. Por isso a capela esteve interdita ao culto romano. Não temos conseguido a identificação do oficiante, pois não no-la dá o pastor sueco Ruders, na sua narrativa de viagem a Portugal, vertida da sua língua para a nossa pelo grande poeta e ministro em Estocolmo António Feijó.



Que ruído se faz, nos arraiais romanos, pelo facto de Pio XII ter confirmado a ordenação de dois pastores alemães que ingressaram no catolicismo romano, sendo-lhes reconhecido o direito de se conservarem casados! Vem a notícia nos periódicos dos fins do ano, mas foram as "Novidades" e o "Diário Popular" que o referiram mais desenvolvidamente. Afinal só temos a dizer que erros de um lado e de outro explicam a passagem que de um e de outro lado se dão aos milhares, em cada ano. Romanos fugindo à morte espiritual que o grande corpo da igreja tradicionalista leva no bojo; protestantes fugindo à epilepsia das seitas, que enfraquecem e empobrecem a vida espiritual das cristandades não católicas. Mas ainda é digno de ponderar o facto de a uns, por política muito especial, se consentir em Roma o estado de casados, e a outros se lhes proibir esse estado, ainda que isso dê lugar a escandalosas permissões, transigências, condescendências ou "vista grossa".



Daniel Rops, famoso escritor católico romano que há poucos meses esteve no nosso país e tem já em português parte da sua obra traduzida, segundo o "Correio do Minho" — "exprime sem receio as suas dúvidas sobre a autenticidade das numerosíssimas relíquias da cruz onde Jesus foi martirizado, o mesmo cepticismo respeitoso e leal sobre a impossibilidade de documentalmente alcançar informações precisas sobre as feições de Jesus; de igual modo não oculta as suas hesitações sobre o Santo Sudário de Turim". Muito interessante é todo o artigo donde respigamos este trecho, de 17 de Novembro passado; mas não nos permite por agora o espaço de mais transcrever e comentar.

"PRÉMIO NOBEL" DE LITERATURA, DE 1951

PAR LAGERKVIST, autor de "Barrabás", recebeu há pouco a consagração mundial do prémio Nobel de literatura, de 1951. A honra é tanto maior quanto se dá o facto de ele ser sueco, o que fez com que o júri, sueco também, hesitasse em lho conferir.

Acabamos de ler a recentíssima versão francesa do livro, que, seguindo-se a vários outros do autor ("O Homem que reviveu a sua vida", "O Carrasco", "O Anão", "O Homem sem alma", "Vitória nas Trevas", "A Pedra Filosofal", "Contos Cruéis", "Infância e Adolescência dum Poeta", e "O Ascensor que desceu até ao Inferno"), nos faz supor que o escritor está na posse duma arte definitiva, e dum pensamento bem amadurecido, na medida em que isso se pode realizar.

Lagerkvist não se nos mostra num tipo de preocupado eruditismo, ao apresentar-nos, como personagem bíblica, a Verónica, figura lendária, porventura nascida da legenda "veron icon", ou verdadeira imagem, como tudo leva a supor. José de Arimatea pediu o corpo de Jesus para o sepultar no jazigo novo do seu jardim de ricaoço, mas isso não prova que ele estivesse junto da cruz no momento da agonia. E Simão de Cirene, forçado a levar a cruz, com que o Divino Sentenciado já não podia, ficaria ali também? perguntamos. Hipótese a considerar, sòmente. Mas aqui só importa provar o que dizemos sobre a feição artística do livro que acabamos de ler com entusiasmo. O valor enorme dele está no desenho de certas personagens, que se tornam reais como símbolos. Uma é a mulher do beijo rachado, corpo fanado pelo vício, nascido com hediondas taras do pecado que vai de pais a filhos, deprimido pelo desdem do mundo egoísta, onde afinal habita uma alma adornada duma surpreendente e bela humildade, que aos pés de Cristo lhe não pede o milagre que a cure, como a tantos outros, mas só a graça de sofrer por Ele. Outra, é o cego ortodoxo, mordido de dupla cegueira, o cego-absoluto, que denuncia a mulher como cristã e é, por isso, forçado pela velha praxe a lançar,

apesar da sua incapacidade física, a primeira pedra à condenada. A cena da lapidação, a do assassinato do carrasco fanático, são terrivelmente formosas. Mas a figura principal, que não esquece, que é por si só um tratado de psicologia religiosa, é Barrabás. Lagerkvist dá-nos nele o retrato do Homem do Século Vinte, que passa ao lado de Cristo e da sua Cruz, atraído pela luz do Salvador, ensombrado pelo madeiro onde ele agoniza, sempre atraído e nunca vencido, salvo socialmente, em dolorosos lances, pela influência do Seu Evangelho, mas matando e prevaricando sempre, contra esse Evangelho. Não compreende o amor mútuo que Ele prega, mas sente-o inúmeras vezes, através da vida...

Quanto deste "barrabatismo" há no cristianismo dos séculos! Barrabás toma erradamente o testemunho cristão por uma espécie de "masoquismo", um prazer mórbido de sofrer; mas a visão do Cristo não o abandona; quer na sua chapa de escravo os símbolos da nova fé, mas nega-se à oração, depois dum momento fugaz de adoração com um companheiro ignorante e sincero, do "Salvador e Deus de todos os oprimidos".

Eis toda a mente paradoxal do homem moderno, perante o ideal cristão, perante o facto de Cristo.

Maria aparece-nos com "o rosto fruste duma camponesa, que não pode exprimir a dor que sente, ou melhor, que o não quer fazer no meio de estranhos"... Estranho retrato, este! Vê-se aí o propósito deliberado de humanizar, de "secularizar" a história da Cruz, talvez para que não fique um quadro hierático, distante, sem sangue correndo nas veias, sem lume que chispe no olhar, sem a palavra quente que consola, que incita e que transforma.

Concurso Literário de "Ecclesia"

1.º Prémio 500\$00
2.º Prémio 100\$00

Mensões Honrosas

Vede as condições no n.º 13

NO ÁTRIO

Comemorações próximas

- 8 de Março: 72.º Aniversário da Restauração da Igreja Lusitana.
 25 de Março: Festa da Anunciação da Bem-aventurada Maria.
 6 de Abril: Domingo de Ramos.
 10 de Abril: Quinta-feira Maior.
 11 de Abril: Sexta-feira de Paixão.
 12 de Abril: Sábado Santo.
 13 de Abril: Domingo de Páscoa.
 25 de Abril: Festa de S. Marcos Evangelista.

O "Dia da Bíblia" na Europa é a 2 de Abril.

A Festa Universal dos Escoteiros é no "Dia de S. Jorge", 23 de Abril.

NA NAVE

"Filho, vai trabalhar, hoje,
na minha vinha".

S. Mateus 21:28

TEMOS aqui, na parábola dos dois filhos, contada por Jesus Cristo, parábola que merece ser mais conhecida e meditada por todos os cristãos, um verdadeiro programa da acção evangelística e as reacções diferentes que esse programa produz.

Como sabeis, um dos filhos da parábola acedeu prontamente à ordem paterna mas não cumpriu, e o outro reagiu intempestivamente com uma negativa, mas, repeso, obedeceu depois. Assim fazem muitos: uns, de aparência piedosa, traindo constantemente a vontade do seu Criador; outros de **superfície** revoltada, por inconformidade com a **forma** da mensagem que lhes transmitem, mas trazendo no âmago desejos sérios e fecundos que, depois do primeiro movimento, que não é afinal seu próprio, vão buscar ao fundo da alma o "arrepentimento" que os leva a pender para o lado que de começo pareciam repudiar.

Mas, exordiado o tema geral, consideremos particularmente a ordem paterna por onde ela começa: "Filho, vai trabalhar..."

Deus é, não só "como um pai", que ampara, segundo a expressão carinhosa da primeira Revelação, da Velha Aliança, em Isaías e Jeremias; não é só o pai que gera, como os poetas pagãos puderam imaginar e sentir, "pois de Ele somos linhagem" (Actos 17:28), mas é "o Pai": pai integral, pai absoluto, pai perfeito. Diz S. Lucas, na genealogia de Jesus, ao chegar a Adão: "(filho) que o foi de Deus". Adão, nosso pai, não teve outro pai, e Esse foi-o, não por uma lei de que pai e filho são ambos meros instrumentos, mas pela Vontade Imperiosa e Completa do Seu Ser.

Pois bem: o Pai, que é Poder e Amor, poder exercido em amor, manda os Seus filhos trabalhar. O trabalho é a lei da vida. "O homem nasce para trabalhar como as chispas das brasas se levantam para voar" (Job 5:7). Não empregou o profeta outra comparação, porque mesmo as aves não nasceram só para voar, mas para cantar, para amar, aninhar, procrear, educar a prole... A chispa do fogo, assim que nasce voa, e nada mais faz que voar até se extinguir. E para Job é esse o destino do homem. O que é voar na falha é trabalhar no ser humano. Trabalha o seu coração desde antes que nasce até depois, se não sempre, quantas vezes! que se extingue o seu pensamento e as suas sensações. "O primeiro que vive e o último que morre". Trabalha o seu pensamento, desde a primeira infância, na observação do que o cerca e na ginástica com que se habilita a viver com seus músculos e nervos; lançado na vida, trabalha para saber, para ter e para poder. Até o preguiçoso, quanto ele trabalha para se furtar aos deveres que o coordenam na vida! Um quer ser capitalista para se eximir à acção multipla da Espécie, para assistir de alguma frisa doirada à "orquestra da serra e do malho" de que nos fala Castilho. Mas, coitado!, quanto trabalha para aumentar as rendas, para resguardar os bens, para computar os juro e para ostentar as posses! Agora, uma comissão, logo um contracto, mais tarde um inquérito, um exame, uma prova; porfim um sarau, uma recepção, uma audição, um concurso, uma partida, que sabemos nós!

Os que se afastam de Deus trabalham, mas só com alvo próximo e precário, como o animal da nora que puxa só para dar uma pequena volta, e depois, puxado por si próprio, dá outra volta e mais outra, e ainda outra, sem outro alvo nem outra meta. Deus, entretanto, chama os Seus

filhos e diz a cada um; "Filho, vai trabalhar". Isso te enobrece, isso te robustece, isso te integra na vida, isso te dá uma razão de existires. Não pára a árvore de beber pelas suas raízes o humo que a sustenta; nem de, pelas suas folhas, respirar, nem de endurecer o seu caule, enfolhar os seus ramos, enflorar os seus brotos, amadurecer os seus frutos, expelir as suas sementes. Nem pára a própria rocha de atrair moléculas; nem pára a própria nuvem de esculpir as rochas; nem o próprio vento de impelir as nuvens. Tudo trabalha. E havias, tu, homem, de quedar extático, inerte, inútil? E tu, cristão, que deves ser o homem integral, recolher-te-ias em ti próprio, extático, ascético, inerte, inútil? Vai trabalhar. Olha em volta de ti, quantas bocas sem pão, quantas almas sem luz, quantas existências sem vida verdadeira. Trabalha pelo testemunho, pelo cuidado de outrem, pelo interesse do Todo, pelo amor que não cansa.

Depois, diz ainda o pai: "hoje". Trabalha hoje e não mais tarde, e não num dia de tua escolha, ao sabor do teu capricho, ignorado pela tua incúria, retardado pela tua preguiça. Sabes lá se amanhã existes? E que prejuízos trará a tua demora? Além disso o teu trabalho deve de ser em benefício de outrem, e não só teu. E sabes lá se a tua oportunidade de bem se perderá amanhã? Caiu um homem junto de ti: vais levanta-lo amanhã? Ouviste neste instante o choro convulso de uma criança, com fome e frio talvez: Vais pensar, antes de a socorrer?

Há muitos que não negam a si próprios o fazerem bem, mas deixam-no para um futuro mais ou menos recuado, talvez até depois da morte, em legados pios... Quando o menino Moisés chorou, sobre as águas do Nilo, a pagã filha do Faraó, não se demorou a socorrer-lo. Mas o sacerdote e o levita da parábola que o Senhor contou, tão ortodoxos na sua doutrina, quando viram na estrada o homem roubado e ferido, talvez fosse para ponderarem e calcularem que se afastaram sem nada terem feito. Não queriam proceder impensadamente. Poderiam, se eram ricos, deixar em testamento uma certa verba, para outros que viessem a aparecer roubados nas estradas...

Quantas catedrais antigas foram construídas com legados de pessoas que em vida preguiçaram ou então só batalharam, confiscaram, violaram, exploraram!

Agora, é o tempo aceitável. Hoje, hoje é o dia da salvação e dos seus frutos, da emenda de vida, do testemunho, do amor do próximo, da humildade e da gratidão. Hoje é o dia em que poderão demandar a alma do que se gloria dos seus celeiros abarrotados. A terra trabalhou para ele e a colheita foi abundante. Vai chamar operários para fazer celeiros novos. Mas nada o incita ao imediato trabalho de amor. Contudo, se hoje Deus lhe corta o fio da existência, toda a sua vanglória é menos que o pó da estrada.

Há, todavia, quem trabalhe, e muito, e nada se aproveite do seu trabalho, para a eternidade, para a realidade. Por isso o nosso texto diz: "Trabalha hoje, na minha Vinha".

Quantos trabalham em pura perda, na vinha da ambição, na vinha da servidão, na vinha do ódio! De que serve o muito trabalho se dele não vemos resultado são, santo, justo, eficiente? De que serve trabalhares, meu irmão, desde que os efeitos do esforço não perdurem? A vinha do Pai celeste, em vez de servidão é liberdade, em vez de hábito é consciência, em vez de suspeita é confiança, em vez de egoísmo é amor, o amor que jamais acabará.

Bendito seja o amor, que é o próprio Deus!

ERRATAS IMPORTANTES

No número passado de "Ecclesia", por um lamentável equívoco, safu errada a legenda da gravura, no verso da capa, que deveria ser assim formulada:

"Dois aspectos e duas atitudes da actual cultura finlandesa: o maior dos compositores vivos, do cristianismo reformado, João Sibelius, e o escritor famoso Sellanpaa". (Este último é o da gravura inferior).

Também escaparam à revisão dois erros em citações latinas, nos dois últimos números, um nas "Reminiscências e Perspectivas" do n.º 12, onde o prólogo citado é "Multum in parvo", e o outro no artigo "Hinódia Lusitana" do n.º 13, onde o título do cântico que em segundo lugar se citou é "Veni Sancte Spiritus". Mas ainda mais grave do que estes solecismos, que parte dos nossos estimados leitores decerto deixaram passar sem reparo e outra parte terá emendado mentalmente, com espírito gentil, foi o citar, por lapso de memória, esse famoso cântico como um dos não metrificados, quando aqui o temos, nas nossas colecções, bem cingidos ao ritmo e metro clássicos.

Felizmente (do mal, o menos) este facto não afecta a doutrina expandida. A par do Te Deum poderão ser citados outros velhos cânticos latinos, além do Saltério e dos quatro cânticos tomados ao texto de S. Lucas.

Perdõe o leitor os erros e aceite a nota de emenda que aqui humildemente lhe oferecemos.

LUSOGRAMAS

Só quem trabalha em publicidade sabe como elas acontecem... Neste número nós damos, lamentosamente, conta de dois ou três erros cometidos nas nossas colunas. Até a grande imprensa, aliás, os comete. O "Diário de Lisboa" de 13 de Janeiro, ao acompanhar duma legenda a gravura dum fontenário inaugurado algures, diz nela: "cumpru-se hoje o 7.º mandamento: dar de beber a quem tem sede". Que tal? Só quem não escreve está isento destas.

— Devido a uma informação de "Agir", do nosso amigo sr. Fernando Sylvan, tem corrido mundo que o director de "Ecclesia" prepara uma "História da Igreja em Portugal". Propriamente o que está em elaboração, e de facto já bastante adiantada, é uma História da Educação Cristã em Portugal, que vai buscar as suas raízes ao século III. Se por um lado o plano parece mais restrito, é, por outro lado, muito mais amplo.

— O arcebispo romano de Lião de França, cardeal Gerlier pronunciou há tempos estas palavras lapidares, que recolhemos de "La Vie Protestante": "Não se edifica sem Deus o mundo que Ele criou". O jornal que o reproduz acrescenta, e muito bem: "Não se edifica sem amor o mundo que pelo amor Deus criou".

— Está ainda viva em Portugal uma senhora, pelo menos, que nasceu **só dois anos depois** da extinção da Inquisição. Isto dito assim, faz-nos pensar em como são naturais certas manifestações de inquietude, ou de intolerância, ou de revolta.

— Paulo Claudel publicou no ano findo, em França, "O Evangelho de Isaías". Insiste o notável escritor na Redenção, como mensagem que nos surge clara e forte, no Profeta que hoje está chamando as atenções do mundo.

— Seria de alto valor o inventário da iconografia bíblica portuguesa, pintura, escultura, gravura, etc. Mas... como realizar isto, por agora, quando os cristãos bíblicos pouco percebem de arte, e os críticos de arte pouco percebem da Bíblia?

— Há milhões de egoísmos no mundo, à procura dum **ideal** que lhes sirva, que lhes seja **conveniente**. Assim se formam as "ideologias".

— Diálogo entre avô e neto: "Gostava de ver o Menino Jesus quando traz as prendas ao

sapato..." — "Querido, o Menino não vem. Jesus está na glória; mas vem ao coração das pessoas crescidas e dá-lhes o desejo de alegrarem os pequeninos com as suas ofertas. Assim é que Ele vem".

— "O Diário de Lisboa", que é dirigido e redigido por pessoas muito cultas e interessantes, publicou, o que não sucedeu com outros periódicos, notícias alusivas à comemoração ortodoxa-grega (e católica-lusitana) do 19.º centenário da entrada de S. Paulo na Europa. Assim se compreende que o S. Paulo dos cristãos orientais é o mesmo dos cristãos latinos.

— Julião Gree, no seu "Diário", fala-nos de uma senhora que lia certo livro "de luvas calçadas" para evitar a avariose... Sangrento sarcasmo, este. E só isto; porque melhor seria nem ler o tal livro.

— O rabino-mór da Bulgária Daniel Zion converteu-se a Cristo Jesus. Agora, em Telavive, ele declara no púlpito da Sinagoga que crê em Jesus de Nazaré como Messias de Israel e Salvador do Mundo. Muitos membros da sinagoga acorrem a ouvi-lo. Alguns colegas dele na Palestina já foram confirmados na fé.

— Há uma freguesia em Portugal, chamada Pinheiro Grande, que tem por titular Santa Maria. Sem mais nada. Muito bem, Pinheiro Grande! Mereces galo de ouro no alto do teu campanário, porque não dividiste a evocação carinhosa da Bendita Virgem, adoptando um dos inúmeros ídolos que eclipsam a suave figura de Maria.

— O sr. Luís de Freitas Branco, erudito crítico e historiador da música, na sua "Historia Popular da Música" (Cosmos, 2.ª edição, revista) chama duas vezes, e nas duas edições, Olimpo, ao lendário criador da música grega. Estranhámos a referência que em parte alguma temos visto abonada. Será equívoco com o nome de Orfeu, visto Olimpo ser o nome duma montanha clássica?

— Bela e profunda frase de Jorge de Lima, poeta brasileiro contemporâneo: "Os mergulhadores pescaram um livro, ainda húmido da saliva de Deus; mas os marinheiros o esqueceram Livro, e adoraram o boneco da proa..."

— Leitores amigos: todos podeis colaborar com **Ecclesia**, enviando-lhe conselhos, alvítes, correcções, informações ou recortes de imprensa (sempre com a indicação do nome do jornal e da data). Seremos gratos.

NA SEARA

As nossas Escolas:

Há 84 anos que a Escola do Torne cumpre o seu admirável programa de assistência e educação, e há 70 que a Escola do Bom Pastor, no Candal, lhe segue as pisadas. Com a do Prado, com 51 anos de vida, são três monumentos da consagração dos irmãos Cassels, os Revv. Diogo e André, ministros da Igreja Lusitana. A juntar a estas há as das Janelas Verdes, em Lisboa, com 76 anos, e do Bonfim, no Porto, com 62. Mais um ano de trabalhos e de vitórias podemos registar neste sector da nossa actividade.

Escoteiros Evangélicos:

Uma Comissão organizadora nos informou do seu propósito de criar a União Evangélica dos Escoteiros de Portugal, contando já com a adesão dos grupos 53, anexo à Igreja Lusitana de S. Paulo; 94, anexo à Igreja Presbiteriana da Ajuda; 40, anexo à Igreja Lusitana do Espírito Santo, em Setúbal, e 33 em relação com a Igreja Baptista de Leiria. A referida comissão é constituída pelos snrs. Armando Lino, Capitolino Ferreira de Macedo, Eduardo Ribeiro e Ruben Mata. Desejamos saber que a iniciativa se não gorou.

Concílio de Calcedónia:

Festejou a Igreja de S. Paulo o 15.º centenário deste Concílio, ligando-o com a festa de Todos os Santos, o que antecipava em alguns dias a data da celebração. Aos leitores a quem o assunto interessar recomendamos o n.º 6 de "O Despertar", que trata desenvolvidamente da história e da significação desse quarto Concílio Geral da Igreja. A pedido da Igreja Baptista da Rua do Olival, o pároco de S. Paulo foi ali fazer uma prática alusiva ao referido concílio, em 13 de Novembro, em plena data comemorativa.

Solene Investidura:

A 11 de Novembro realizou-se na Igreja de S. Mateus, em Vila Franca de Xira, a instituição do pároco, rev. dr. Luís Rodrigues Pereira, comovente cerimónia a que assistiu a estimada congre-

gação e muitos amigos que quiseram tomar parte nas preces públicas. Foi celebrante o Rev. Presidente do Sínodo.

Filmes de sentido Cristão:

As últimas fitas utilizadas na "Evangelificação pelo cinema, na A. R. C., entre elas: "A Tentação do Diabo", "O Sinal da Cruz", "Nobreza no Sangue", "Apocalipse", "Alma Selvagem" e "As Cruzadas", foram bem aproveitadas, por vezes com verdadeiros sermões evangélicos, que muitos não escutariam noutra lugar e que ali tiveram uma excelente preparação nos corações.

Reunião conjunta do Clero e das Juntas:

Magnífica iniciativa esta, cujo programa nos foi enviado. Realizou-se em 1 de Dezembro, em Vila Nova de Gaia, com os elementos do Norte, e esperamos que do convívio fraternal, do estudo em comum e da compreensão mútua resultem vida e progresso das congregações.

Meio Século de Ensino:

Os diários do Porto fizeram-se éco, em extensas notícias, da merecidíssima homenagem prestada na Escola do Torne, Gaia, à Professora D. Laurinda da Silva Rebelo Manso, com a comemoração das "bodas de ouro" do seu digno magistério. "Do labor profissional — diz o "Primeiro de Janeiro" de 27 de Dezembro — falam as gerações de alunos que passaram por aquele prestante estabelecimento". Esta senhora, a quem ECCLESIA sauda com admiração, foi também aluna da Escola do Torne. Entre calorosos aplausos recebeu da Associação dos Antigos Alunos dessa escola uma medalha de ouro, como sinal concreto da gratidão e da simpatia de muitos.

Restauração interna dum Templo:

Há já dois ou três anos que na Igreja de S. Paulo, em Lisboa, se ventilava uma questão importante: a reposição do recheio do seu templo, ao serviço do culto reformado, mas de harmonia com a traça do edifício seiscentista. As sóbrias e nobres linhas arquitectónicas bem mereciam todo o carinho de quem o tem à sua guarda; e só a carência de meios explicava o meio-abandono a que estava votado. Detentora a Junta dum excelente estudo do distinto arquitecto snr. Emílio Lino,

lançou o Pároco, há um ano, por ocasião do 75.º aniversário da Igreja, a ideia dum "Fundo da Comemoração Jubilar", que foi coroado de inesperado êxito. Por isso, um ano depois, com o auxílio valiosíssimo de algumas senhoras muito consagradas se pôde festejar a reabertura do templo, após um primeiro ciclo de obras que duraram algumas semanas e incluem a transformação do sistema de iluminação, a substituição do púlpito, a colocação no transepto de um candeeiro monumental de ferro, com sete lâmpadas, arranjo provisório da Santa Mesa, etc. Como era de esperar, este esforço veio dar mais vida à Igreja, que todavia já estava desde há tempos experimentando um acréscimo evidente de entusiasmo.

Falecimento do Rev. J. L. Bonaparte

É da condição humana intervalarem-se as alegrias com as tristezas, as vitórias com as decepções. Foi assim que nos chegou a notícia do falecimento do Rev. José Maria Leite Bonaparte, em 30 de Dezembro de 1951, membro consagrado do clero luso-católico, que a todos os colegas deu em vida exemplo de modéstia e de humildade digna. Acompanha-o a nossa saudade.

O Norte no Sul

É sempre de enorme proveito a visita de obreiros a campos diferentes. Ultimamente ocuparam púlpitos da capital, em razão da reunião que aqui teve lugar da Comissão Permanente do Colendo Sínodo da Igreja Lusitana, os Rev. Armando Pereira de Araújo, António Ferreira Fiandor e Agostinho Ferreira Arbiol, do Porto e Vila Nova de Gaia.

Foram muito apreciadas as suas mensagens, e a simpatia da sua presença.

Homenagem

Em 12 de Janeiro, realizou-se no salão do Esforço Cristão do Prado, uma sessão de despedida ao Rev. Luís Manuel Crespo, Ministro coadjutor da Igreja do Salvador do Mundo, que em breve vai partir para África, promovido pela

Junta da Igreja, Sociedade de Senhoras e Esforço Cristão, que assim quiseram manifestar a sua simpatia e reconhecimento ao Rev. Crespo.

Assistiu a quase totalidade da Congregação, e no final o Snr. Alexandre Fernandes, secretário da Igreja, em nome do Rev. Snr. A. Nogueira e das entidades promotoras da homenagem, e de toda a Congregação, pôs em destaque as qualidades de trabalho do homenageado e principalmente a acção que desenvolveu durante os meses em que trabalhou na Igreja como seu Ministro coadjutor, pelo que todos lhe eram muito reconhecidos.

Depois uma jóvem esforçadora entregou ao Rev. Crespo, uma lembrança como recordação daquela homenagem.

Por fim falou o Rev. Crespo, bem como sua esposa D. Eulália Crespo, que agradeceram a homenagem prestada, encerrando-se a seguir a reunião depois dos assistentes terem cantado de mãos dadas o hino "Deus vos guarde pelo seu amor".

FORUM

— No dia nove do mês passado reuniu em Lisboa a Comissão Permanente do Sínodo. Foram por ela nomeados Prêgadores Licenciados, os Leitores Litúrgicos da Igreja de S. Paulo, de Lisboa, Dr. Ayres Serrano e Silva, e Francisco Venâncio de Oliveira, ambos preparados pelo Curso dirigido pelo Rev. Eduardo Moreira.

— Resolveu mais a Comissão aposentar o Rev. José Pereira Martins, Ministro das Igrejas do Espírito Santo (Setubal) e de Cristo Remidor (Alcácer do Sal). Os Serviços Divinos nestas duas Igrejas ficam a cargo do novo Prêgador Licenciado Dr. Ayres Silva, sob a superintendência espiritual do seu Pároco, o Rev. Eduardo Moreira.

— Tendo em vista a doença do Rev. Augusto Nogueira, a qual não permitirá tão cedo a volta deste clérigo às suas actividades paroquiais, foi nomeado Ministro auxiliar da Igreja do Salvador do Mundo, Vila Nova de Gaia, o Rev. Dr. Daniel de Pina Cabral, Coadjutor da Igreja de S. João Evangelista da mesma localidade.

LAUDA POÉTICA

EIN FESTE BURG IST UNSER GOTT

de MARTIN LUTHER

(1483 — 1546)

*É Deus a nossa fortaleza,
em nossa ajuda a pronta espada,
de todo o mal boa defesa,
de encontros de hoje na jornada.
Tem velho e pérfido inimigo,
previstos golpes de perigo,
a força de armas que dá medo
e das astúcias o segredo.
não há nas terras outro igual.*

*A força nossa não bastára;
perdida fôra a tempo estreito,
se por nós todos não lutára
do próprio Deus o justo Eleito.
Quem mo pergunta e não conhece
de Jesus Cristo o nome em prece?
É Sabaoth, o Rei Senhor
que resta em campo o vencedor,
onde outro Deus não temos nós.*

LISBOA, Março de 1950.

*E quando o mundo fôra cheio
de vis demónios a afogar-nos,
nós não teríamos receio
vitória certa de escapar-nos.
Príncipe embora deste mundo,
é vão seu golpe furibundo
que não nos fere do pecado.
Tem seu poder já condenado
e a uma palavra cairá.*

*O Verbo tem seu reino certo,
pagar nenhum deve a ninguém,
luta entre nós, a nós aberto
o seu espírito do Bem.
O Mal nos rouba e nos engole
honras e bens, mulher e prole?
Pouco lhe vale tal conquista,
é nosso mais, ele se avista:
do Tempo ao fim Reino dos Céus.*

Sidónio Miguel

(Do livro inédito CONTRAPONTO DE VOZ
ALHEIA — Interpretações de poemas alemães
em versos portugueses).

Nota da Redacção

Publicamos com muito prazer esta interpretação poética do celebre Coral da Reforma, pelo seu valor literário, apesar de ela não se poder usar com a música respectiva. Fica, como dissemos, uma interpretação valiosa como poesia.

O LIVRO E OS LIVROS

HA poetas que se despem. Outros aparecem-nos sempre, ou quase sempre, de ponto-em-branco. Quem já deixou de ver Eugénio de Castro, senão em trajo de sarau, pelo menos de roupão familiar, como quando nos disse da filha pequenina: "Acorda cedo, como os passarinhos e vem logo direito à minha cama"?

Bocage, esse então usou todos os trajos; e até nenhum, como quando diz pateticamente: "Meu ser evaporei na lida insana". Frei Agostinho da Cruz entreabre às vezes o seu hábito de burel; e João de Deus muitas vezes tirou a gravata (e até se desbragou, nas "Criptinas"). Geralmente vestia um trajo leve, que não o desfigurava.

Em Camões parece-nos sempre ver, ou a clâmide grega ou a toga romana. Antero nunca despe a "cândida", e o que nele muda é o gesto. e a António Nobre vemo-lo sempre amortalhado em vida, mas a mortalha é transparente e solenemente reveladora.

Dos modernos não falaremos (conhecemo-los tão pouco...) senão, hoje, de António de Sousa, apolineamente nu, nalguns dos seus versos da "Jangada", do "Livro de Bordo" e da "Linha de Terra", este agora saído à luz e que lemos duma assentada. Este Poeta acorda em nós tanta coisa que não sabemos dizer! Depois de amanhã o Poeta vai para a lua; e se isso realmente se verificasse não teríamos mais versos... Que pena!

Saiu à luz o volume XV do "Boletim de Bibliografia Portuguesa", referente ao ano de 1949. Trabalho proficiente da Senhora Doutora Luiza Maria de Castro e Azevedo, 1.º Bibliotecário Chefe dos Serviços Centrais, a quem devemos a gentil oferta, bem como da "Bibliografia Vicentina", saída em 1942, que já registamos com agradecimento. O valor destes trabalhos nunca será por demais encarecido, pois não se pode hoje trabalhar em obra de erudição, nem em obra de arte que perdure, sem o exame consciencioso e atento de tais repositórios. A Bibliogra-

fia Vicentina, onde se registam 3.216 espécies, é um trabalho exaustivo, de fácil consulta a proveitoso exame. Por ele, tal como pelo registo de toda a produção literária portuguesa, do ano de 1949, de 3.475 espécies, bem haja quem assim laborou.

Acaba de chegar aqui uma edição em papel bíblia, formato 16.º corpo 6, do Novo Testamento, versão de Almeida, revista e corrigida, publicado pela Sociedade Bíblica do Brasil, Rio de Janeiro, 1950. O aspecto deste livrinho é magnífico, só tendo para os portugueses o inconveniente de não respeitar a discutida Convenção Ortográfica Luso-Brasileira. Não o lemos todo, mas já podemos louvar o cuidado da revisão, dentro do critério a que obedeceu. Por ora só encontramos, num título, em Lucas XV, 25, uma "parábola da providência" que em nosso juízo deveria ser "previdência". Como se vê, trata-se duma pequena discordância que, apontada, serve para demonstrar como o trabalho está perfeito.

Desta vez editado pelo Sínodo da Igreja Lusitana, saiu à luz o "Calendário da Igreja para 1952". Sente-se bem o carinho com que foi preparado pelo Rev. Dr. Luis Rodrigues Pereira. É, em nosso juízo, um companheiro indispensável dos fieis da nossa Igreja.

Preparado com fins pedagógicos, ainda que modestamente, devido à pequenês do meio, que não consente a divisão do estudo por graus de aprendizagem, e agora, ainda mais útil, com o lastimável desaparecimento do "Raio de Sol", apareceu o livrete de "Lições Bíblicas para 1952", edição do Sínodo da Igreja Metodista, a quem devemos desde há alguns anos a boa iniciativa. Agradecemos o exemplar recebido.

O nosso prezado amigo snr. Justiniano de Macedo lançou no mercado a sua "História dos Herodes" (Imprensa Moderna, Porto, 1951) com prefácio de Eduardo Moreira. A edição é muito agradável e deveras atraente, e a matéria é tratada com probidade e clareza. Estes pequenos

estudos, se se multiplicarem, serão um índice indiscutível de vitalidade do pensamento cristão. Agradecimentos pélo exemplar recebido.

Outro caro amigo, o snr. Eduardo Jernstedt, publicou, numa edição de nobre aspecto e cuidada matéria, "Fidalgos e Plebeus de Portugal — Apontamentos Genealógicos, por Eduardo Adolfo Vieira Borges Zander de Almeida Jernstedt". É digno de menção o trabalho gráfico, produzido em Riba de Ave. O prefácio, datado de Outubro de 1951, é uma página importante de crítica dos processos históricos, do snr. Eugénio de Andrea da Cunha e Freitas. Congratulamo-nos com o operoso Autor pelo seu belo trabalho.

Excelente serviço prestou às letras evangélicas em português a Casa Publicadora Presbiteriana, de S. Paulo, com a publicação da versão da obra de Harry Rimmer, versão feita pelo Rev. Américo J. Ribeiro, e prefaciada pelo Dr. Flamínio Fávero, S. Paulo, 1950, sob o título de "A Ciência Moderna e as Sagradas Escrituras". É altamente recomendável esta obra aos estudantes inquiridores do Livro divino.

A operosidade de António A. Dória, querido amigo que admiramos, verifica-se na saída de trabalhos, uns após outros, todos revelando desvelo e objectividade: versões do inglês, ensaios de vulto, anotações em opúsculo, tudo revelando amor pela beleza, pela verdade e pela justiça. Deleitamo-nos agora com "Verbete de Entrada", outro **verbete** sobre o "Luís de Camões" de Aquilino Ribeiro, e outro ainda sobre "Los Descubrimientos en el Atlantico y la rivalidad Castellano-Portuguesa hasta el tratado de Tordesillas", além de uma separata da revista "Gil Vicente", de Guimarães, sobre o "Prof. Edgar Prestage". Este último deu-nos a saudade do convívio que tivemos há tantos anos com o ilustre lusófilo, na Sociedade Portuguesa de Estudos Históricos", na lembrança da sua gentileza e lhaneza inexcedíveis.

O senhor Júlio de Lemos, querido e bom amigo que na sua tebaida de Souto do Abade, ou na formosa Viana continua cultivando o seu grande amor às letras pátrias, enviou-nos ultimamente o 1.º Suplemento ao seu "Pequeno Dicio-

nário Luso-Brasileiro de Vozes de Animais (Onomatopeias e definições)", que traz uma carta do etnógrafo suíço Will A. Oesch e é edição da "Revista de Portugal". Temos também sobre a banca um comovente opúsculo sobre "Don Álvaro de las Casas, Palavras de Justiça e de Saudade", que não sabemos se é melhor retrato de Don Álvaro se do Autor do opúsculo, coração e mente de escol.

Um "Breve Catecismo da Religião Cristã", de que temos recebido vários exemplares, que agradecemos, traz bastantes lapsos de revisão e um deles intolerável, que uma errata volante não remedia devidamente; o que é de lastimar, pois a edição é elegante. Achamos a matéria bem tratada e bem traduzida, mas o capítulo XI, "A Gratidão" é frouxo sob o ponto de vista teológico. A razão dada para a prática do bem é fraca e não satisfaz aqueles que se alanceiam com o grave problema, tão agudo em certos períodos da Igreja, e já tão bem tratado por alguns dos maiores pensadores cristãos.

Apreciámos devidamente o relatório e contas da "Beneficência Evangélica do Porto", obra que muito deve à dedicação do nosso amigo snr. Custódio dos Santos. Só sinceramente não gostamos do emblema adoptado, que sugere a esmola de mão a mão e não a beneficência cristã, no espírito paulino: "comunicar com os santos nas suas necessidades", o que não é absolutamente a esmola avulsa, a dádiva esporádica. Nem esse é o belo programa da B. E. P.

Gratos aqui estamos pela oferta de bonitos cromos do Natal, edição Juber, R. de Monte Alegre, 333, Porto.

Recebemos também com efusiva gratidão, os seguintes importantes livros, indispensáveis a quem desejar actualizar desenvolver os seus conhecimentos sobre a respectiva matéria: "The English Church and How it Works" by Cecilia M. Ady, Londres, 1947; "Christian Unity; The Anglican Position" e "Documents on Christian Unity", by G. K. Bell, bispo de Chichester, Londres, 1948.

IGREJA LUSITANA

CONGREGAÇÕES

LISBOA Igreja de S. Pedro, Largo das Taipas. — Serviços Divinos: Domingos, às 11,30 e às 21 h.; Quartas-feiras, às 21 h. — Ministros: Rev. Josué Ferreira de Sousa, residente na Rua de Azedo Gneco, 4, 4.º - D. (a Campo de Ourique) Lisboa; Rev. Josué de Sousa J.º, residente na Rua de Feio Terenas, 20-1.º - Lisboa.

Igreja de S. Paulo, Rua das Janelas Verdes, extinto Convento dos Marianos. — Serviços Divinos: Domingos, às 11 e às 21 h.; Quintas-feiras, às 21 h. — Ministro: Rev. Eduardo H. Moreira, residente na Rua das Janelas Verdes, 32 - 2.º - Lisboa.

Igreja de Jesus, Rua do Quatro de Infantaria, 70 - 1.º (a Campo de Ourique). — Serviços Divinos: Domingos, às 21 h.; Sextas-feiras, às 21 h. — Ministros: Os da Igreja de S. Pedro.

PORTO Igreja do Redentor, Rua do Visconde de Bóbeda (e Rua do Barão de S. Cosme, 223). — Serviços Divinos: Domingos, às 11 e às 21 h.; Quartas-feiras, às 21 h. — Ministros: Rev. Agostinho F. Arbiol, residente na Rua do Cativo, 6 - Porto; Rev. Vidal V. dos Santos, residente na Rua de Gomes Freire, 68-3.º — Porto.

VILA NOVA DE GAIA Igreja de S. João Evangelista, Torne. — Serviços Divinos: Domingos, às 10,30 e às 17 h.; Quintas-feiras, às 21 h. — Ministro: Rev. A. Ferreira Fiador, residente no Presbitério da Igreja.

Igreja do Salvador do Mundo, Arco do Prado - Devesas. — Serviços Divinos: Domingos, às 10,30 e às 20 horas; 2.º Quarta-feira de cada mês, às 21 h., conferência. — Ministros: Rev. Augusto Nogueira, residente na rua Leote Rego - Devezas - V. N. de Gaia; Rev. Dr. Daniel de Pina Cabral, residente na rua da Infanta D. Maria, 97 - Porto.

Igreja do Bom Pastor, Rua do Rei Ramiro - Candal. — Serviços Divinos: Domingos, às 11 horas e ao anoitecer. — Ministros: Rev. Armando Pereira de Araújo, residente na Rua de Camilo Castelo Branco, 17 - V. N. de Gaia.

SETUBAL Igreja do Espírito Santo, Bairro Salgado. — Serviços Divinos: Domingos, às 11 h. — Ministro: Vago.

ALCÁÇER DO SAL Igreja de Cristo Remidor. — Serviços Divinos: irregulares. — Ministro: Vago.

VILA FRANCA DE XIRA Igreja de S. Mateus, Avenida dos Combatentes da Grande Guerra, 60. — Serviços Divinos: Domingos, às 11 e às 21 h.; Quartas-feiras, às 21 h. — Ministro: Rev. Dr. L. Rodrigues Pereira, residente na Quinta do Bacalhau - Vila Franca de Xira.

MISSÕES

SUL

AMORA Missão de Sto. André, Avenida Marginal de Silva Gomes. — Serviços Divinos: Domingos, às 16 h. Ministro: O da Igreja de S. Paulo - Lisboa.

CASTANHEIRA DO RIBATEJO Missão de S. Tomé, Rua de Palha Blanco. — Serviços Divinos: Domingos às 11 h.; Quintas-feiras, às 21 h. — Ministro: O da Igreja de S. Mateus - Vila Franca de Xira.

CARREGADO Missão de S. João Baptista, Bairro Novo. — Serviços Divinos: Sextas-feiras, às 21 h. — Ministro: O da Igreja de S. Mateus - Vila Franca de Xira.

NORTE

OLIVEIRA DO DOURO Missão de Cristo, Outeiro. — Serviços Divinos: irregulares. — Ministro: O da Igreja de S. João Evangelista.

CAMPANHÃ (Porto) Missão de Santo Estêvão, Rua de Azevedo. — Serviços Divinos: Domingos, às 9,30 horas. Ministro: O da Igreja do Redentor - Porto.

VALBOM (Gondomar) Missão de Santiago Apóstolo, Lugar da Arroiteia. — Serviços Divinos: Domingos, às 9,30 h. Ministro: O da Igreja do Redentor - Porto.

Ecclesia

Encontra-se à venda na:

Livraria Aillaud & Lellos

Rua do Carmo, 82

LISBOA

Tabacaria Aliança

Rua de Santo António, 19

PORTO

Ecclesia

	Assinatura	Venda avulso
Império Português	25\$00	5\$00
Países Estrangeiros	30\$00	6\$00

Assinatura anual — 6 números — a tratar com a Administração ou com qualquer dos Ministros da Igreja Lusitana.